

## Apresentação

### **Fazer antropologia em tempos pandêmicos: narrativas de povos e comunidades tradicionais e de periferias urbanas sobre a pandemia Covid-19**

*Doing anthropology in pandemic times: narratives of traditional peoples and communities and urban peripheries about the Covid-19 pandemic*

*Haciendo antropología en tiempos de pandemia: narrativas de pueblos y comunidades tradicionales y periferias urbanas sobre la pandemia de Covid-19*

*Sílvia Guimarães\**  
*Carlos B. Plínio dos Santos\*\**  
*Cristiane de Assis Portela\*\*\**  
*Stéphanie Nasuti\*\*\*\**

Apresentamos este dossiê com o propósito de documentar e refletir sobre as ações estatais na pandemia da Covid-19 e, mais importante, com o propósito de trazer as reações dos coletivos oriundos de comunidades tradicionais ou das periferias urbanas a este novo adoecimento. A prática etnográfica aqui dinamizada e a urgência em refletir sobre a atual emergência sanitária estão atre-

---

\* Coordenadora do Laboratório Matula, professora do Departamento de Antropologia-UnB e do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT/UnB).

\*\* Coordenador do Laboratório Matula, professor do Departamento de Antropologia-UnB e do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT/UnB).

\*\*\* Professora do Departamento de História-UnB e do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT/UnB) e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Caum.

\*\*\*\* Professora do Centro de Desenvolvimento Sustentável e do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT/UnB).

ladas a um movimento social científico que nos situa ao lado dos povos e comunidades tradicionais e de grupos periféricos. Fazer pesquisa é também pensar em suas ações políticas e, para nós, esse fazer deve estar pautado por epistemologias indígenas, do povo negro e das periferias. Também, está pautado por pensar em ciências plurais que, no nosso caso, pretende dar vazão a novas epistememes. Com esse olhar, este dossiê tem como intuito movimentar o fazer etnográfico nestes tempos e enfatizar a importância de mergulharmos na vida profunda dos rincões do Brasil, na forma como a macropolítica reverbera na micropolítica das vidas. Este dossiê reúne peças que destrincham as narrativas dos sujeitos e coletivos sobre as ações estatais que sobrevieram e interpretações cosmológicas sobre o novo coronavírus. Na perspectiva de lançar mão de estratégias narrativas que permitam trazer as visões singulares dos/as envolvidos/as, este dossiê conta com três formatos ou peças, sendo assim composto por três entrevistas, duas conferências e quatro artigos.

Os artigos reunidos neste dossiê tratam de histórias sobre vidas, lutos e lutas, que se entrelaçam às histórias das autoras e dos autores com os locais de sua existência e de seus vínculos com os coletivos. Em tempos pandêmicos, sentimos que o sofrimento social pode vir tanto por parte de uma ação ou agenda estatal quanto de processos rotineiros de opressão ordinária, como analisam Kleinman, Venna Das e Lock (1996). Vivenciar uma pandemia no mundo contemporâneo entre as comunidades tradicionais (índigenas, quilombolas e de terreiros) e/ou moradores de periferias urbanas e grupos periféricos e sentir a dor provocada pela Covid-19 se somam a lidar com a dor vivida nas memórias de uma história colonial que se perpetua em uma violência sem fim, como nos ensina Frantz Fanon (1968). Mas, o psiquiatra e filósofo da Martinica, também nos ensina que apesar do colonizador forçar o sentido da

morte e da não existência daqueles que pretende colonizar, devemos ouvir sobre a existência e práxis anticolonial.

Assim, manter-se vivo é resistência. Essa se faz presente nas estratégias criativas de cuidado e apoio mútuo que esses coletivos acionam e nos ensinam sobre a urgência de novas possibilidades de vida. Deste modo, os trabalhos aqui reunidos pretendem discutir as implicações da pandemia associadas às ameaças coloniais, ao mesmo tempo que buscamos reconhecer formas de resistência e fortalecimento dos laços que unem os coletivos.

As autoras e autores envolvidos fazem parte do Laboratório Matula - Sociabilidades, Diferenças e Desigualdades, vinculado ao grupo de Pesquisa do CNPq e ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Nosso grupo de pesquisa surgiu com a proposta de ouvir, observar, aprender e aliar-se às experiências de vivenciar uma pandemia a partir das narrativas de povos e comunidades tradicionais e de moradores de periferias urbanas. Percebemos a importância de entender os adoecimentos envolvidos por sofrimentos sociais provocados e, igualmente, compreender como as teias de cuidado levam a estratégias de resistência e percepções sobre os serviços e políticas de saúde. Somos professoras/as, mestrandas/os, doutorandos/as e, também, lideranças que representam seus coletivos. E contamos com o apoio do Edital COPEI-DPI/DEX nº 01/2020, da Universidade de Brasília.

O enfoque está na contra-narrativa apresentada por estes povos e comunidades para compreender a constituição do adoecimento em seus territórios, como argumenta Byron Good (1994). A relação entre história e experiência transparece nos relatos, na seleção e na organização de seus próprios dados epidemiológicos diante da inescrupulosa subnotificação do governo federal, o que nos permitiu compreender o que é significativo para os grupos sociais e ver a interação entre o macro e o micro a fim de transitarmos

da história local, cotidiana ao mundo globalizado (GOOD, 1994).

Hoje, essas comunidades são atingidas de múltiplas formas com o advento da pandemia, pois vivem justamente em um contexto onde o governo federal é explicitamente contrário aos direitos conquistados por esses coletivos, com uma gestão que pretende pôr fim às suas vidas ou fazê-los se integrar a uma suposta sociedade nacional. Esses coletivos vivem o avanço de garimpeiros, madeireiros e grileiros sob seus territórios. Somado a isso, o governo federal provoca o desmonte das políticas públicas do Sistema Único de Saúde (SUS), subestima a ciência, minimizando a gravidade do novo coronavírus, e não cria ações de prevenção da doença e promoção da saúde eficientes para contenção do vírus, assim como não reconhece a potencialidade da Atenção Básica à Saúde (ABS)<sup>1</sup> para superação da proliferação exponencial do coronavírus na realidade brasileira. Esse cenário crítico revela a total desassistência por parte do Estado na vida das pessoas mais vulnerabilizadas e trabalhadoras e conecta as sequelas corporais deixadas pelo adoecimento da Covid-19 com as sequelas sociais do luto, das famílias rompidas, das rupturas biográficas vividas, da fome, do desmonte dos serviços de saúde, da invasão dos territórios.

Além do adoecimento, a pandemia da Covid-19 tem causado temor ao reacender a memória de pandemias anteriores (DIAS & GUIMARÃES, 2020). Uma das consequências devastadoras em territórios indígenas e quilombolas tem sido a morte de grandes lideranças idosas, guardiões e guardiãs de saberes e conhecimentos. Mas, também, o falecimento de bebês (GUIMARÃES, 2020 e 2021), fragilizados com a presença de outros adoecimentos, como pneumonia e malária, em seus territórios que não são contidos pelos serviços de saúde.

Essas mortes entre gerações se apresentam como uma

grande preocupação para as comunidades. Diante desse cenário, esses povos estão criando processos autogestados de controle da pandemia e fazendo denúncias sobre a ausência estratégica do governo federal por meio de suas organizações locais (VERON & GUIMARÃES, 2020). Ao mesmo tempo, movimentam suas cosmologias e enfatizam a importância de relações éticas que devem cuidar dos sujeitos que habitam aquilo que o ocidente denomina de natureza.

Iniciamos a apresentação deste dossiê com as conferências de dois indígenas antropólogos, Jósimo Puyanawa e Francisco Apurinã, os quais tratam das ciências indígenas e como essas explicam a emergência do novo coronavírus.

Na conferência do antropólogo Jósimo Puyanawa ministrada ao Laboratório Matula, o pesquisador apresenta as narrativas dos anciãos do seu povo e essas informam sobre a pandemia da Covid-19. Os mais velhos relatam como almas/serpentes venenosas invisíveis se espalharam pelo mundo e podem ser esse inimigo invisível que enfrentamos. As soluções para esta pandemia e outros problemas, como as mudanças climáticas, podem estar no encontro de saberes das ciências indígenas, que, historicamente, foram menosprezadas com o conjunto de outras ciências e epistemologias. O antropólogo Francisco Apurinã, que também ministrou uma conferência ao Laboratório Matula, enfatiza esta urgência de que é preciso reconhecer o protagonismo da ciência indígena no mundo, pois seus modos de manejar a floresta, o cuidado no plantar, colher, coletar, caçar e pescar sustentam a convivialidade entre seres visíveis e invisíveis, humanos e não-humanos. Um conhecimento que aponta caminhos para a construção de redes de cuidado e solidariedade interespecies.

Seguimos com o artigo de Iury Magütägü, que trilha o caminho da Covid-19 em seu território e segue até a cidade de Ma-

naus, onde também vivem os Magütagü. Estratégias de cuidado Magütagü são desenhadas no território e na cidade, enfrentando a violência da morte em tempos pandêmicos. Por sua vez, Bárbara do Nascimento e Welitânia Rocha nos levam pelas estratégias de cuidado criadas pelas comunidades tradicionais da microrregião do Bico do Papagaio para lidar com a pandemia do novo coronavírus. Relações de poder imbricadas nos processos coloniais contemporâneos afetam a vida dos povos e comunidades que vivem nesta microrregião. Essas relações de poder são constantemente reestabelecidas e intensificadas por meio do capitalismo neoliberal e se acoplaram à pandemia para fazer avançar sobre territórios tradicionais “projetos de desenvolvimento” que, para esses povos, são verdadeiros projetos de morte. Carlos Alexandre B. Plínio dos Santos nos traz uma breve reflexão da saúde da população negra, sobretudo quilombola, e de políticas públicas de saúde voltadas para esse segmento desde o Brasil colonial e imperial, na relação do Estado com a saúde da população negra escravizada. Além do passado mais remoto, o autor se detém em décadas mais recentes, levando-nos desde a Constituição de 1988 até o tratamento no atual contexto da pandemia Covid-19 com enfoque na população negra. O artigo de Joaquim Vasconcelos, Bruna Nobre e Izabel Zanetti traz a perspectiva das mulheres catadoras de materiais recicláveis em seu território, demonstrando as formas de cuidado na vida cotidiana referentes às implicações desta pandemia. Buscam compreender os dilemas vividos pelas trabalhadoras em um momento de crise na periferia urbana de Ceilândia, no Distrito Federal, quando viveram a suspensão do trabalho. O artigo coloca em relevo ainda as ameaças sofridas em relação ao fim do trabalho da catação, a falta de assistência social para manterem suas vidas e como se organizaram contra esses ataques.

A entrevista realizada por Zane do Nascimento com a li-

derança quilombola e acadêmica Elionice Conceição Sacramento e a jovem liderança quilombola Danilo Sodré Teixeira de Santos trata do entrelaçamento da pandemia da Covid-19 com o racismo institucional e como ela agravou esse último. Assim, asseverou-se a morosidade da demarcaao definitiva dos territórios quilombolas, o que impossibilita milhares de comunidades de acessar políticas públicas. As duas lideranças, em sua análise, entendem que está em curso o aumento expressivo de violaao de direitos neste período da pandemia, atingindo territórios, associaoes, entidades e lideranças, além de outras formas de opressões como despejos, mortes violentas, perseguioes e a criminalizaao de pessoas e movimentos na esteira do autoritarismo e genocídio vigentes. A entrevista de Aisha Diene com a liderança quilombola da comunidade Manzo Ngunzo Kaiango, Makota Kidoiale, nos leva a refletir sobre a experiência da Covid-19 nos terreiros de candomblé. O convívio coletivo e a construao energética da religião do candomblé efetivada a partir do corpo presente sofreram com as restrioes sanitárias impostas pela Covid-19. A pandemia rompeu com o elemento principal que propulsiona o conhecimento e a prática da oralidade a partir da vivência, fazendo com que os terreiros tivessem que se reinventar nesse processo, como nos fala Makota. Por último, a entrevista de Sílvia Guimaroes com o professor Carlos Rodrigues Brandão segue o fio da participaao do professor em movimentos sociais na década de 1960/1970 que foram precursores fundamentais da consolidaao do SUS até o atual momento pandemico. O professor apresenta uma reflexão sobre as aoes do fazer antropológico em movimentos sociais e na produao de conhecimento antropológico, trazendo a potencialidade do conceito de “pesquisa participante”, pensada por ele a partir de uma tradiao latino-americana e que tem como princípio o fato de que a ciência nunca é neutra, menos ainda objetiva. Assim, a con-

tribuição de uma ciência está na busca coletiva de conhecimento que torne a pessoa mais instruída e sábia, tanto quanto justa, livre, crítica, criativa, participativa, co-responsável e solidária.

As peças aqui reunidas refletem o radicalmente comunitário, principal barreira para a política de morte que nos absorve neste momento, e nos apresentam outros caminhos. Também, demonstram como re-existir neste contexto político que suprime a vida, o tempo, o espaço está em nos inserir no tempo largo das ancestralidades indígenas e do povo negro que conformam a América Latina: tempo da confluência, do encontro e da escolha coletiva.

### **Notas:**

1. Também denominada de atenção primária, trata-se do primeiro atendimento dos serviços públicos de Saúde para a população no Brasil, que implica em uma primeira análise do caso e do direcionamento aos serviços apropriados. Ele tem uma função preventiva uma vez que difunde informação e busca solucionar problemas de saúde antes de que se agravem. Casos mais graves são identificados e direcionados para os próximos níveis de atendimento. Dessa forma, a ABS organiza o fluxo de pessoas para os serviços nas redes brasileiras de saúde pública.

### **Referências:**

DIAS, Bárbara N. & GUIMARÃES, Sílvia. Povos Indígenas no Brasil e a pandemia da covid-19. *In: Aldira Guimarães Duarte; Carlos Dominguez Avila. (Org.). A Covid-19 no Brasil: ciência, inovação tecnológica e políticas públicas.* 1ed. Curitiba: CRV, v. 1, 2020, p. 257-270.

FRANTZ, Fanon. *Condenados da Terra.* RJ: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

GUIMARÃES, Sílvia. O povo indígena Sanõma/Yanomami e a trilha de adoecimentos na pandemia da covid-19. *Espaço Ameríndio* (UFRGS), v. 15, 2021, p. 16-37.

GUIMARÃES, Sílvia. Sobre mães, bebês e as cerimônias funerárias Yanomami em meio a pandemia da covid. *Boletim Extraordinário CAAF/Unifesp de enfrentamento da Covid-19 - Mortos e Mortes da Covid-19*, v. 1, 2020, p. 8-15.

KLEINMAN, Arthur; DAS, Veena; LOCK, Margaret. *Social Suffering*. Deadalus, vol. 125, n.1, 1996.

VERON, Valdelice & GUIMARÃES, Sílvia. Sobre Máscaras, Fumaça e Fogo Doméstico: Experiências das Mulheres Kaiowá na Pandemia da Covid-19. Vukápanavo: *Revista Terena*, v. 3, 2020, p. 115-127.